

Atentado a pedradas contra o Congresso

1861 100 06
BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Quatro vidraças da parte da frente do prédio do Congresso Nacional foram quebradas, provavelmente na madrugada de ontem, com pedras que teriam sido jogadas, segundo os indícios, do gramado localizado diante do edifício. O primeiro secretário, Jutahy Magalhães, e o presidente do Senado, Humberto Lucena, estiveram no local e, em seguida, foi solicitada a ajuda da Polícia Federal para o levantamento de eventuais impressões digitais nas pedras.

O presidente do Congresso, Humberto Lucena, informou que, após a perícia da Polícia Federal, será aberto inquérito no Senado para tentar descobrir os autores e as causas do gesto. Lucena acha difícil adiantar qualquer prognóstico sobre o incidente, mas observou que ele pode ter sido praticado por algum "tresloucado", sem nenhuma conotação política. Também o presidente do Comitê de Imprensa do Senado — local atingido pelas pedras — considera remota a possibilidade de tratar-se de algum atentado, ressalvando, porém, que a atitude pode representar uma manifestação de descontentamento contra a Constituinte, contra a imprensa ou contra o próprio Congresso Nacional.

DAÑOS

As vidraças atingidas, todas do Comitê de Imprensa, deixaram evidente que as pedras foram arremessadas do gramado lateral, de um ân-

gulo em diagonal. As pedras — sexos rolados — até ontem à tarde estavam na sala danificada aguardando a realização da perícia. Todos os vidros foram atingidos na parte mais baixa, pouco acima da viga em balanço existente na altura do primeiro andar do prédio. O acesso é feito pela rampa principal do Congresso Nacional, mas se os autores da depredação tivessem subido por ali a presença deles seria logo detectada pelo serviço de segurança interno do Senado.

FALTA SEGURANÇA

O incidente de ontem serviu, pelo menos, para alertar o serviço de segurança do Senado. Já na próxima reunião da Mesa diretora, o assunto será levado à discussão para providências. Até 1978, a vigilância externa do Congresso Nacional esteve a cargo de soldados da Polícia do Exército. Hoje, essa vigilância não existe, exceto esporadicamente. O único tipo de vigilância existente é interno, feito por agentes de segurança desarmados.

Em virtude da inexistência dessa vigilância são freqüentes os casos de pessoas que à noite durante a madrugada sobem ao topo do prédio, pela rampa superior, e ali permanecem, às vezes promovendo desordens e, outras, danificando instalações. No mês passado, o serviço de segurança da Câmara dos Deputados, alertado por barulho no topo do edifício, ao lado da cúpula do plenário, conseguiu prender um desordeiro pouco depois que ele, com um chute, quebrou dois vidros no acesso àquele local.

ESTADO
DE
SÃO PAULO